

Do conto à inclusão: estratégias para a inclusão do TEA na contação de histórias

From short story to inclusion: strategies for the inclusion of ASD in storytelling

Del cuento a la inclusión: estrategias para la inclusión del TEA en la narración

DOI: 10.55905/rmuscv2n1-001

Recebido: 22/01/2024

Aceito: 27/02/2024

André Siqueira Campos¹, Cristiane de Souza Magnani²

RESUMO

A metodologia de contar histórias é um importante recurso pedagógico para o desenvolvimento da criança dentro e fora do ambiente escolar. É por meio das histórias que o ser humano se desenvolveu, possibilitando que as futuras gerações aprendessem com os acertos e erros de seus antepassados, o que levou a esse recurso ser amplamente utilizado na educação infantil. E reconhecendo o poder desta ferramenta que se observa a necessidade de promover a inclusão do público TEA (Transtorno do Espectro Autista) nestas atividades, inclusão essa garantida por lei. Por isso esse trabalho tem como objetivo, explorar possíveis estratégias que possibilitem ao contador de histórias promover a inclusão do público TEA nesta atividade tão importante, levando em consideração as características do transtorno. Neste trabalho serão exploradas a origem da contação de histórias, assim como seus benefícios para o público infantil e seus usos em ambiente escolar, seguido por algumas definições sobre TEA, passando por suas características e direitos garantidos por lei, para no final, propor algumas estratégias que podem ser utilizadas pelos contadores como, utilizar com moderação recursos áudio visuais, a fim de evitar crises desencadeadas pelas características do transtorno, utilizar objetos do hiperfoco dos alunos para gerar o interesse e a interação deles nas atividades, evitar a mudança de ambiente ou de rotina, a fim de evitar crises de sofrimento pela mudança, pois o apego a hábitos e rotinas também são características do transtorno, assim como a utilização da linguagem simples, que é internacionalmente reconhecida como ferramenta de inclusão por simplificar a linguagem utilizada. Finalmente chegando à conclusão de que este tema merece mais pesquisas de outros campos a fim de aperfeiçoar as estratégias propostas que até a finalização deste trabalho são teóricas, mas faz-se importante por iniciar a discussão sobre a inclusão do público TEA na contação de histórias

Palavras-chave: inclusão, Autismo, contação de histórias.

¹ Graduando em Letras Português/Inglês, Centro Universitário Unisantacruz, Curitiba – Paraná, Brasil, E-mail: siqueira628062@gmail.com

² Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Centro Universitário UniSantaCruz, Curitiba – Paraná, Brasil, E-mail: cristiane.magnani@unisantacruz.edu.br

ABSTRACT

The methodology of storytelling is an important pedagogical resource for the development of children both within and outside the school environment. Through stories, human beings have evolved, enabling future generations to learn from the successes and mistakes of their ancestors. This evolution has led to the widespread use of storytelling in early childhood education. Recognizing the power of this tool, there is a need to promote the inclusion of the ASD (Autism Spectrum Disorder) community in these activities, an inclusion guaranteed by law. Therefore, this work aims to explore possible strategies that enable storytellers to promote the inclusion of the ASD community in this crucial activity, considering the characteristics of the disorder. This work will delve into the origins of storytelling, its benefits for children, and its use in school environments. It will be followed by definitions of ASD, encompassing its characteristics and rights guaranteed by law. Finally, it will propose some strategies that storytellers can use, such as moderating the use of audiovisual resources to prevent crises triggered by the characteristics of the disorder, utilizing objects related to the students' hyper-focus to generate their interest and interaction in activities, and avoiding changes in environment or routine to prevent distress-induced crises, as attachment to habits and routines is also a characteristic of the disorder. Additionally, using simple language, internationally recognized as an inclusion tool for simplifying the language used. Ultimately, this work concludes that this topic deserves further research from other fields to refine the proposed strategies, which, until the completion of this work, remain theoretical. Nevertheless, it is important to initiate the discussion about the inclusion of the ASD community in storytelling.

Keywords: inclusion, Autism, storytelling.

RESUMEN

La metodología narrativa es un recurso pedagógico importante para el desarrollo del niño dentro y fuera del ámbito escolar. Es a través de las historias que el ser humano desarrolló, permitiendo a las generaciones futuras aprender de los éxitos y fracasos de sus antepasados, lo que ha llevado a que este recurso sea ampliamente utilizado en la educación de la primera infancia. Y reconociendo el poder de esta herramienta, se observa la necesidad de promover la inclusión del TEA público (Trastorno del Espectro Autista) en estas actividades, esta inclusión garantizada por ley. Es por ello que este trabajo tiene como objetivo explorar posibles estrategias que permitan al narrador promover la inclusión de la audiencia de TEA en esta importante actividad, tomando en cuenta las características del trastorno. En este trabajo se explorará el origen de la narración, así como sus beneficios para los niños y sus usos en el entorno escolar, seguido de algunas definiciones sobre TEA, pasando por sus características y derechos garantizados por la ley, para al final proponer algunas estrategias que pueden ser utilizadas por los contadores, como, para utilizar con moderación los recursos de audio visual, con el fin de evitar crisis desencadenadas por las características del trastorno, utilizar objetos de hiperenfoque de los estudiantes para generar interés e interacción en las actividades, evitar el cambio de entorno o rutina, con el fin de evitar crisis de sufrimiento por el cambio, ya que el apego a los hábitos y rutinas son también características del trastorno a nivel internacional, así como el uso del lenguaje simple, que se reconoce como una herramienta utilizada para la inclusión A. Finalmente se concluye que este tema merece mayor investigación de otros campos para perfeccionar las estrategias propuestas que hasta la finalización de este trabajo

son teóricas, pero es importante iniciar la discusión sobre la inclusión de la audiencia de TEA en la narración.

Palabras clave: inclusión, Autismo, contar historias.

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma das atividades sociais mais primitivas da espécie humana, sendo parte fundamental do desenvolvimento das pessoas. No ensino básico, contar histórias é uma das principais metodologias de ensino, pois facilita a transmissão de conhecimentos básicos sobre saúde, alimentação, convivência, regras de trânsito e entre outros, e ao longo da vida acadêmica da criança ela vai se deparar com essa metodologia para outros temas curriculares ou até mesmo para o entretenimento no ambiente escolar.

Contar histórias sempre vai estar presente no currículo da educação básica, essa atividade pode parecer simples de ser absorvida por um público de desenvolvimento típico, mas quando se considera a inclusão do público dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), as metodologias usuais vão despertar o mesmo efeito neste público? O público TEA nos últimos anos conquistou muitos direitos e entre eles o direito de inclusão e socialização no ensino básico, porém, é possível considerar que o direito a inclusão pode ser garantido no momento de ouvir histórias? Existem metodologias que podem ser utilizadas pelos docentes no momento de contar histórias?

O objetivo deste trabalho é, por meio de pesquisa bibliográfica, explorar metodologias que possam melhorar a inclusão do público TEA infantil em atividades de contação de histórias, tendo em vista que esse público possui esse direito garantido por lei. Primeiro passo será apresentar um breve histórico sobre o porquê contamos histórias, citando as origens desse hábito na humanidade, seus benefícios gerais para o público infantil e seus efeitos no ambiente escolar. O segundo passo será explorar algumas características do público TEA, como um breve histórico do transtorno ao longo do tempo, principais características da pessoa autista, depois, as leis que ditam os direitos adquiridos por esse público ao longo dos anos que garantem a inclusão, que é o foco deste trabalho. Em seguida apresentar algumas técnicas de contação de histórias que podem suprir as necessidades do público TEA e aumentar a qualidade da atividade para esse grupo, garantido assim, a sua inclusão.

Na próxima seção, serão abordados os motivos de contar-se histórias e os benefícios de se contar histórias na educação infantil.

2 POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS

Nesta seção, serão abordadas as principais características da contação de histórias, passando por uma breve passagem sobre a contação de histórias na humanidade, com suas primeiras manifestações, seguido pelos benefícios gerais, para depois tratar da contação de histórias no ambiente escolar.

2.1 HISTÓRIAS NA HUMANIDADE

A necessidade de contar histórias acompanha a humanidade desde seus estágios mais primitivos, primeiro como forma de entretenimento, escutando histórias ao redor da fogueira, compartilhando os acontecimentos diários e os inventando.

Os primeiros contadores de histórias não tinham a noção da sua influência para com as futuras gerações, pois, as histórias carregam muito mais que somente entretenimento, elas carregam a identidade e os aprendizados do seu povo, elas transmitem ensinamentos e valores da sociedade que percorrem, não é a toa que religiões recorrem a ensinamentos por meio de parábolas, civilizações foram impactadas por essas histórias que ditaram o rumo das próximas gerações (SANTOS, 2020, p. 01).

Tahan (1966), importante escritor e educador do Séc. XX, coloca que o ato de contar histórias, é a verdadeira comunicação de verdades eternas, e essa é uma ferramenta que não pode ser ignorada pois, é por meio das histórias que se mantêm as tradições e por onde novas ideias são difundidas.

Na próxima seção serão abordados os benefícios de se ouvir histórias na infância, para depois ser abordado a contação de histórias no contexto escolar.

2.2 BENEFÍCIOS DE OUVIR HISTÓRIAS

O primeiro contato do ser humano com as histórias é por meio da literatura oral. Os pais, avós e familiares, contando pequenas histórias, contos de fadas e fábulas. E é por meio dessas histórias que as crianças têm contato com o mundo externo, além do familiar, vendo exemplos de novos sentimentos, situações e dilemas, além de terem contato com diferentes perspectivas, culturas e tradições.

É por meio desse despertar de imaginação, movida pelas histórias, que a criança tem a chance de explorar novos sentimentos, pois, é com a narrativa, e a apresentação de diferentes situações que cria-se esse ambiente, capaz de fazer com que a própria criança reconheça o que está sentindo (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

É também no mesmo veículo das narrativas que possibilita às crianças conhecerem outros lugares, outras perspectivas, outros tempos até, e com uma ajuda de sua imaginação ser apresentada a conteúdos mais complexos assim com os conteúdos programáticos (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Esse primeiro contato literário é basicamente a introdução da criança a sua formação como humana, dando início a sua formação psicológica, intelectual e espiritual, e a ensinando a valorizar a cultura dos mais diferentes grupos étnicos, culturais e religiosos, a apresentando aos seus primeiros conceitos éticos a fazendo refletir e instigar a sua curiosidade (BUSATTO, 2003, p. 37)

2.3 CONTANDO HISTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Contar histórias é um ótimo recurso pedagógico, pois, o docente pode gerar vários estímulos no aluno. Por meio dessa atividade o docente instrui, desenvolve habilidades cognitivas, estimula a imaginação e dinamiza o processo de leitura e escrita (BERNARDINO & SOUZA, 2011, p. 237). A ludicidade desta atividade com os jogos, danças e as contações de histórias desenvolvem no aluno a responsabilidade e a autoexpressão, fazendo com que a criança se sinta estimulada e sem perceber, constrói seu conhecimento sobre o mundo (BERNARDINO & SOUZA, 2011, p. 237).

Uma das grandes vantagens de contar histórias como estratégia pedagógica, é a sua interdisciplinaridade, por meio das histórias os alunos podem aprender sobre diferentes povos e culturas, aumentando seu interesse em outras matérias além da linguagem como, por exemplo, matemática ou educação física com maior eficiência (TAHAN, 1966, apud BERNARDINO & SOUZA, 2011, p. 239).

Outra possibilidade que as histórias trazem como recurso no ambiente escolar é trabalhar com os alunos valores universais como liberdade, verdade, justiça, amizade e solidariedade, fazendo a criança refletir na vida em sociedade, assim como experienciar atitudes negativas de personagens, dando a possibilidade para o docente organizar discussões sobre o tema (BERNARDINO & SOUZA, 2011, p. 239).

Considerando estes aspectos, agora, considerando o objetivo deste trabalho, serão introduzidos alguns conceitos sobre o TEA, para depois explorar as possíveis metodologias a serem aplicadas pelo contador de histórias.

3 PÚBLICO INFANTIL COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Como o objetivo deste trabalho é apresentar opções de metodologias para a inclusão de crianças com TEA em ambiente escolar no momento da contação de histórias, primeiro, nesta seção, serão apresentadas algumas definições sobre o transtorno, para que o contador de histórias tenha uma base mínima de conhecimento sobre o público-alvo dessas metodologias, assim como o grupo de leis que definem a inclusão desse público na vida escolar. Por último, nesta seção, serão apresentadas as necessidades que precisam ser supridas, pelo contador de histórias, ao realizar a atividade com o objetivo de promover a inclusão.

3.1 DEFINIÇÕES DE TEA

O psiquiatra suíço, Eugen Bleuler, em 1908 criou o termo “Autismo” para definir uma espécie de esquizofrenia em seus pacientes (MAGNANI, 2023), e no decorrer dos anos, estudos mais aprofundados sobre o tema foram realizados, passando por vários profissionais ao longo dos anos. Em 1981 a psiquiatra britânica, Lorna Wing, propôs o autismo como um espectro, com diferentes intensidades, sendo também a fundadora do National Autistic Society e do Centro Lorna Wing, tornando-se referência nos estudos sobre autismo (MAGNANI, 2023).

Os últimos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) definem que é um transtorno no neurodesenvolvimento da criança que interfere em diferentes áreas de seu desenvolvimento que interferem diretamente em seu funcionamento, podendo ser detectado antes dos três anos de idade (SILVA, 2023, p. 27), e tendo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V, 2014) como base, pode-se afirmar que a criança ou pessoa com TEA apresenta algumas características essenciais reunidas por SILVA(2023 p.27-28), como:

- Comportamentos estereotipados ou repetitivos, incluindo estereotipias motoras simples.
- Uso repetitivo de objetos (girar moedas e enfileirar objetos) e fala repetitiva (ecolalia, repetição atrasada ou imediata de palavras ouvidas).
- Apego excessivo a rotinas e padrões restritos de comportamentos, podem ser manifestados por resistência a mudanças.
- Padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal.

- Interesses altamente limitados e fixos, no transtorno do espectro autista tendem a ser anormais em intensidade ou foco.
- Alguns encantamentos e rotinas podem estar relacionados a uma aparente hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, manifestada por meio de respostas extremadas a sons e texturas específicos, tocar ou cheirar objetos de forma excessiva, encantamento por luzes ou objetos giratórios e, algumas vezes aparente indiferença a dor, calor ou frio.
- Reações extremas ou rituais envolvendo gosto, cheiro, textura ou aparência da comida ou excesso de restrições alimentares também são comuns.

Além das características apresentadas anteriormente, as pessoas inseridas nesse grupo podem apresentar uma série de sintomas que causam uma dificuldade com relação a estímulos auditivos, visuais e compreensão da fala que acabam comprometendo sua habilidade de interagir e socializar, mas não prejudicando seu desenvolvimento físico (MAGNANI, 2023, p.07).

O TEA abrange uma grande heterogeneidade de sintomas, estes que podem se manifestar em diferentes níveis, que podem ser divididos em grave, moderado e leve, todos esses considerando-se a intensidade dos sintomas apresentados pelo indivíduo, e quanto maior for a severidade desses sintomas, maior será o nível de assistência requerida pelo indivíduo.

Vale ressaltar que este trabalho não tem como objetivo, criar nenhum guia de diagnóstico, mas sim, introduzir alguns conceitos para que o contador de histórias tenha esse primeiro contato com o tema, devendo o mesmo procurar por outras fontes para acessar um conteúdo mais profundo sobre o tema, sendo assim, na próxima seção, serão explorados os direitos adquiridos pelo público TEA dentro do ambiente escolar que carregam a necessidade do objetivo deste trabalho.

3.2 DIREITOS DA CRIANÇA AUTISTA E A INCLUSÃO NA ESCOLA

Este projeto tem como objetivo garantir a inclusão da criança autista nas atividades de contação de histórias, pois essa inclusão está garantida a esse público por lei, nesta seção, serão abordadas as leis que garantem esses direitos.

A Constituição de 1988 em seu artigo 208, que prevê os deveres do Estado quanto à educação, garante o atendimento educacional especializado aos portadores de

deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Portanto o atendimento especializado a esse público está garantido por lei.

A lei Berenice Piana (12.764/12), instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que estabeleceu um conjunto de direitos especificamente para a pessoa com autismo, dando direito a diagnóstico, tratamento, medicamentos e terapias pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e a educação e a proteção social, ao trabalho e serviços que propiciem a igualdade de oportunidades (BRASIL, 2012). Essa lei estabelece que a Criança com TEA, têm direito a educação que dê condições para se construir a inclusão propiciando a igualdade.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (13.145/15) cria o Estatuto da Pessoa com Deficiência, estendendo a proteção das pessoas com TEA ao definir a pessoa com deficiência como “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial” (MAGNANI, 2023).

Essas leis são importantes para a inclusão, pois, ao definir a criança com TEA como uma Pessoa com deficiência, esse público passa a poder desfrutar do Atendimento Educacional Especializado (AEE), previsto na Constituição, estabelecendo que as Salas de Recursos Multifuncionais, cuja implementação foi decretada em 2008, devem estar equipadas para garantir a inclusão dos alunos com deficiência.

3.3 DIFICULDADES DO PÚBLICO TEA NA ESCOLA

Como citado anteriormente, o público TEA adquiriu diversos direitos de inclusão na rede regular de ensino, tendo direito a acompanhamento e a participação nas atividades recreativas junto dos estudantes típicos, inclusive na hora de ouvir histórias, e por causa disso se faz necessário para a realização do objetivo deste trabalho, listar as principais dificuldades enfrentadas pelo público TEA no momento de ouvir histórias, para que o contador de história possa aplicar as metodologias adequadas para garantir a inclusão desses estudantes.

3.3.1 Resistência a mudanças

Uma das principais características do público TEA é o seu apego a padrões, sejam eles rotinas ou comportamentos. Muitos são inflexíveis com certos padrões em seu dia a dia, como por exemplo: rituais de saudação, padrões de pensamento ou ingestão de

alimentos, podendo qualquer mudança no padrão estabelecido causar grande sofrimento a pessoa (DSM-V, p.50).

Este é um fator relevante no convívio escolar na medida em que a falta de adaptabilidade do indivíduo a certas situações pode trazer grande sofrimento para ele, podendo desencadear crises, impossibilitando atividades.

3.3.2 Hipo e Hiper reatividade

Outra característica é sua diferente reatividade a estímulos sensoriais, pessoas dentro do espectro autista parecem possuir certa indiferença a dor e temperatura, assim como aversão a sons e texturas específicas. Também pode ser observado uma tendência a cheirar ou tocar objetos de forma excessiva e uma fascinação visual por luzes e movimento (DSM-V, p.50).

Essas características podem dificultar o convívio e o desenvolvimento do TEA na medida em que certos estímulos podem causar a desatenção do aluno ou também em casos extremos desencadear crises.

3.3.3 Foco e Atenção

A pessoa dentro do Transtorno do espectro autista tende a desenvolver interesses fixos, também conhecido como Hiperfoco, levando sua atenção e dedicação a temas ou objetos restritos (DSM-V, p.50). Este tipo de comportamento pode dificultar seu desenvolvimento escolar no ponto em que outros temas não despertem o interesse no aprendizado, debilitando seu desenvolvimento.

Considerando as características citadas a cima, o próximo tópico tem como objetivo apresentar alguns conceitos de metodologias que levam em consideração as características do público TEA, visando a sua melhor inclusão em atividades de contação de histórias em ambiente escolar.

4 METODOLOGIAS INCLUSIVAS AO CONTAR HISTÓRIAS

Quando se pensa em inclusão é necessário considerar quaisquer aspectos que viabilizem a igualdade dentro do ambiente escolar, pois detalhes que podem ser imperceptíveis para pessoas de desenvolvimento típico, podem se tornar grandes barreiras para a pessoa com deficiência, e para efeitos deste trabalho, serão destacados dois tópicos, o primeiro falando sobre a linguagem simples que é uma metodologia mais

ampla e depois os aspectos a serem considerados quando se planeja incluir a criança com autismo em uma contação de histórias.

4.1 LINGUAGEM SIMPLES E A INCLUSÃO

A linguagem simples é uma estratégia comunicacional reconhecida internacionalmente, com o objetivo de incluir as pessoas em quaisquer aspectos da sociedade viabilizando a comunicação, não tratando exclusivamente do público com deficiência, mas também levando em consideração fatores socioeconômicos (SOUZA & MARTINS, 2020, p.06). Muitas vezes uma placa, aviso ou letreiro com uma linguagem rebuscada, por mais que esteja de acordo com todas as regras gramaticais vigentes, falha em seu principal objetivo, que é transmitir a mensagem, seja qual for o motivo da não compreensão, quando considera-se o público é dever do Estado tornar aquela mensagem inteligível possível, e não deve ser diferente em uma contação de histórias que tem como principal objetivo incluir.

É uma estratégia de grande valor para o contador de histórias aplicar a linguagem simples em suas Contações, ainda mais considerando um público tão plural quanto o infantil. Uma história precisa ser cuidadosamente adaptada para que haja a plena compreensão de seus espectadores, e palavras rebuscadas e de fora do convívio das crianças podem causar problemas durante a atividade, ou pior, causar o desinteresse e a desatenção.

Um dos pilares da linguagem simples é a empatia, então, o contador de histórias atuando como agente de inclusão, pensando no público TEA, deve considerar os aspectos do transtorno e adaptar da melhor maneira possível o seu material.

A própria lei de inclusão da pessoa com deficiência brasileira em seu 3º artigo estabelece a linguagem simples como uma estratégia de inclusão, então pode-se observar o seu valor como ferramenta de inclusão (BRASIL, 2015). É necessário também salientar que não é o objetivo deste trabalho se aprofundar nas várias técnicas que constroem a linguagem simples, mas sim, apresentar esse conceito ao contador de histórias, que deve por outros meios, buscar esse conhecimento.

A próxima seção abordará propostas de estratégias a serem utilizadas com o público TEA, durante as atividades, levando em consideração as principais dificuldades proporcionadas pelo transtorno, a fim de promover a inclusão nesta atividade.

4.2 TEA E O CONTAR HISTÓRIAS

O desafio de contar histórias para um público de alunos típicos já pode ser grande, quando considera-se a inclusão, é acrescentado um grau de dificuldade, as técnicas habituais podem desencadear efeitos negativos quando considera-se o transtorno, então é por isso que o contador de histórias deve estar atento a alguns aspectos a serem considerados no momento de incluir o público TEA em suas atividades.

A seguir, serão abordadas algumas características do público TEA relevantes ao contador de histórias e para serem consideradas no momento de planejar a atividade.

4.2.1 Resistência a mudanças e ambiente

Deve-se considerar no momento de contar as histórias primeiramente o ambiente onde essa atividade irá ocorrer, para o melhor aproveitamento do aluno com TEA, essa atividade deve ser desenvolvida em um ambiente comum a criança. Este trabalho visa que essa atividade seja desenvolvida em uma sala de recursos, porém se o aluno não estiver habituado a esse ambiente, o contador deve preferir a sala de aula ou outro local adequado para a turma, pois, segundo Lopes e Sobrinho (2022, p.17) a mudança na rotina e um ambiente novo, são fatores que desencadeiam crises.

E já considerando o ambiente, ele precisa ser amplo, para que o aluno tenha a liberdade de se movimentar, precisa haver espaço entre as crianças, dessa maneira a criança terá mais conforto para passar pela atividade, pois a proximidade entre as crianças também pode ser um fator agravante para atingir uma crise (LOPES & SOBRINHO, 2022, p.17).

4.2.2 Hiper reatividade

Sabe-se que recursos áudio visuais são grandes aliados do contador de histórias, porém, quando se considera a inclusão do público TEA é difícil dosar as quantidades corretas de cada recurso pois por um lado, esses recursos irão auxiliar a prender a atenção do aluno no momento da história, mas, em excesso, podem desencadear crises, inviabilizando a atividade para aquela criança. Por isso é necessário conhecer o seu público, entrar em contato com a equipe que acompanha aquele aluno é recomendável, pois, os professores sabem quais são os objetos da hiper-reatividade da criança, e vão ajudar a criar um ambiente confortável para ela (LOPES & SOBRINHO, 2022, p.28).

No momento de contar histórias visando a inclusão, se faz necessário optar por poucos recursos, se for utilizar algum auxílio auditivo, como um som ambiente ou música, preferir sons tranquilos e com pouco volume, e que não sejam essenciais para o andamento da história, para que possam ser descartados no andamento. Utilizando auxílios visuais, escolha um, ou poucos, a sobrecarga de informações visuais também pode desencadear crises, também prefira auxílios com cores e tons menos intensos, isso ajudará no momento de transmitir a história, pois de acordo com Lopes e Sobrinho (2022, p.29), é importante diminuir os distratores, para além de segurar a atenção da criança para o conteúdo da história, também tentar diminuir a carga sensorial da criança.

4.2.3 Déficit de atenção e hiper foco

Uma das dificuldades acentuadas em alunos dentro do espectro autista é a sua capacidade de manter a atenção, por isso se faz necessário a utilização de recursos áudio visuais do modo citado no tópico anterior, por isso o tempo da atividade é um fator relevante, uma atividade que necessite que a criança permaneça muito tempo parada, logo se tornará desconfortável, considere segmentar a contação de história em partes, com diferentes atividades entre elas, ou planejar a atividade com tempo reduzido (LOPES & SOBRINHO, 2022, p.29).

Como já citado, a sobrecarga de informações visuais e auditivas podem desencadear crises, assim como a perda de foco e o desinteresse pela atividade, por isso é necessário reforçar as estratégias do tópico anterior.

O Hiperfoco ou também conhecido como ilhas de conhecimento, é uma característica onde o TEA dedica todo o seu foco a um determinado tema, os mais comuns são dinossauros e trens, mas podem variar, mas pode-se tirar proveito dessa situação, assim como os professores podem utilizar o tema do hiperfoco para trabalhar novos interesses o contador de histórias também pode, o contador de histórias pode adaptar suas histórias para abordar os temas de hiperfoco da criança (LOPES & SOBRINHO, 2022, p.29) e despertar nela o interesse para o que ele tem a falar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar a importância que a contação de histórias adquiriu na espécie humana, tornando-a uma criatura narrativa, que por meio das histórias, conseguiu progredir até o que é hoje, sendo essa metodologia amplamente utilizada na educação

básica, por, de diversas maneiras, desenvolver diferentes conceitos e habilidades nas crianças. Por isso torna-se importante salientar a necessidade da inclusão do público TEA nessa atividade tão benéfica para todos. Porque por meio dos diversos estudos desenvolvidos na área do autismo ao longo do tempo, hoje é possível identificar e desenvolver estratégias que ajudem a pessoa com TEA a lidar com as características de seu transtorno, assim como as leis que identificam e garantem os direitos desse público, no espaço social, dando a eles mais essas ferramentas, para que lutem contra as suas dificuldades.

Tanto a Linguagem simples, quanto as estratégias propostas no corpo do trabalho, são mais ferramentas para que se ajude esse público a ser incluso na atividade de ouvir histórias, que se mostrou tão relevante para o desenvolvimento da criança. Este trabalho não tem como objetivo estabelecer essas regras como absolutas, mas sim fazer uma proposta inicial a ser explorada como um recurso, o contador de histórias deve ser sensível e flexível, sempre adaptando suas histórias e métodos para o melhor aproveitamento de seu público.

A inclusão no meio escolar é um assunto muito relevante, para qualquer pessoa, um bom aproveitamento em seu desenvolvimento escolar, principalmente nos passos iniciais pode ser muito determinístico para seu futuro, e essa importância cresce exponencialmente quando considera-se a criança com TEA. Seu convívio com crianças típicas é um excelente auxílio terapêutico para o seu desenvolvimento, por esse motivo que quaisquer técnicas de inclusão devem ser exploradas, e aprimoradas.

Esse é um tema muito relevante, pois, o ser humano é uma criatura narrativa, e é por meio da narrativa que podemos com as experiências do passado construir um futuro melhor, este trabalho não esgota de maneira alguma o tema, e requer pesquisas mais profundas sobre o assunto, pois este é um olhar das Letras, e este assunto requer o olhar das mais diversas áreas relevantes ao desenvolvimento da criança e da educação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERNARDINO, Andreza Dalla. SOUZA, Linete Oliveira. **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**. Revista Educere et Educare, Cascavel, 2011. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>> Acesso em 03 de Dez. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 27 de Nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOPES, Vanessa de Araújo; SOBRINHO, Marcos Fernandes. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): Material de apoio a práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil**. Urutaí, GO: Instituto Federal Goiano, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2729/2/Produto_educacional_Vanessa_A_Lopes.pdf> Acesso em 15 Nov 2023.

MAGNANI, Cristiane. **Garantismo E Direitos Fundamentais Da Criança Com Transtorno Do Espectro Autista E A Importância Da Formação Do Professor/Tutor**. Curitiba: Uninter, 2023. Disponível em: <<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2885>> Acesso em 01 Nov. 2023.

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. **Reflexões sobre a arte de contar histórias**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>> Acesso em 26 de Nov. 2023.

SILVA, Francyneves de Moraes e. **Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista da educação infantil: uma revisão integrativa da literatura/ Francyneves de**

moraes e Silva. UFPB, João Pessoa, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27200>> Acesso em 26 de Nov. 2023.

SOUZA, F. L. de .; MARTINS, L. de A. R. . **A Linguagem Simples no Atendimento Educacional Especializado e as tessituras da inclusão.** Revista de Casos e Consultoria, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e11136, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/23606>. Acesso em: 10 dez. 2023.

TAHAN, Malba. **A Arte de ler e contar histórias.** 5.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.